DA SINTROPIA À AGROSOFIA: UMA LEITURA A PARTIR DO CAMPO E DA FÉ

O banco de sementes

Quando mexemos na terra, acordamos o banco de sementes que ali dormia à espera de um gesto. Essa frase, ouvida no curso, é também uma imagem da alma humana. Toda pessoa carrega em si sementes adormecidas de vocação, de dom, de missão, que só despertam quando alguém, com respeito e não com violência, mexe no solo interior. É isso que penso quando falo em Agrosofia: não apenas cultivar a terra com técnica, mas cultivar o ser humano com sabedoria, entendendo que ambos obedecem à mesma lógica de germinação, tempo e cuidado.

Raiz e tronco, pai e filho

A raiz vira tronco, mas o tronco não vira raiz. No curso isso descreve o crescimento vegetal, porém enxergo aí um princípio de formação humana ligado à sucessão e à Pedagogia da Ausência. Os pais são raiz. Os filhos são tronco. A raiz sustenta, alimenta, ancora, mas não deve pretender ser o tronco nem competir com sua altura. Quando um pai insiste em permanecer sendo tronco, impede que o filho cresça; quando aceita ser raiz, silenciosa e presente, o filho se torna capaz de dar seus próprios frutos.

A poda como fecundidade

Aprendi que se poda para produzir mais massa verde, que cortar novo mantém a planta sempre rebrotando, e que a árvore financia, com aquilo que perde na copa, o melhoramento do solo em que está enraizada. Aqui está uma das bases da minha Agroteologia: o sofrimento consentido, a poda aceita, não é castigo, é fecundidade. Deus poda quem ama, não para destruir, mas para multiplicar frutos que sozinhos jamais nasceriam.

Diversidade e cooperação

O essencial, disseram no curso, é não adotar a monocultura. Uma família, uma cooperativa, uma comunidade de fé que insiste em cultivar uma só espécie de pensamento, uma só geração no comando, uma só forma de servir, empobrece o solo social do mesmo modo que a monocultura empobrece o solo agrícola. A força de uma agrofloresta está na diversidade que se complementa, e a força de um povo está na diversidade de dons que cooperam sem se comparar nem competir.

O invisível que sustenta

Trinta por cento da planta cresce visível para o céu, e setenta por cento se desenvolve invisível, dentro da terra. O mundo mede o sucesso apenas pela parte aérea, aquilo que aparece, que se posta, que se aplaude. A Agrosofia insiste no contrário: o que realmente

sustenta uma vida, uma família, uma obra, está no invisível, na raiz que ninguém vê crescer.

A água como fio condutor

Nada disso se sustenta sem água. As matas ciliares existem para que ela se refresque, os quebra ventos existem para que ela não evapore, a lagoa dividida até a beira, plantada de aquáticas, é reservatório de vida antes de ser reservatório de irrigação. A fotossíntese resfria o ambiente como um condicionador de ar, e a floresta inteira é, no fundo, uma engenharia da água. Quem aprende a cuidar da água aprende a cuidar de tudo o mais.

Autoria

Ainor Francisco Lotério

Agricultor desde a infância, filho da terra de Vidal Ramos, cresci vendo a água decidir o destino da lavoura antes de qualquer outra força. Vivi a juventude rural formando outros jovens a olhar o campo com orgulho, formei me técnico agrícola e depois engenheiro agrônomo, e como extensionista rural percorri décadas ensinando e aprendendo que toda safra começa e termina na relação que se tem com a água, a chuva, a mata ciliar, o solo que a retém ou a deixa escorrer embora.

Filosofia

Sou criador da Agrosofia, filosofia que une agronomia e sabedoria de vida, e desenvolvedor da Agroteologia, que lê a terra também como revelação de fé. Acredito que cuidar bem do solo, da água e das árvores é uma forma silenciosa de cuidar bem da alma, e que Deus nos formou como pastores da criação, não como seus exploradores.

Contato para palestras, cursos e participações

E mail: ainorfloterio@gmail.com WhatsApp: (47) 99967 5010